IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

CARTOGRAFIAS DE UM PROFESSOR BRINCANTE:
Como é que nasce um Professor Personagem Brincante Queer?!

Eixo Temático EIXO 03 - ARTEFATOS CULTURAIS, MÍDIAS E EDUCAÇÃO: DISCUTINDO OS CORPOS, OS GÊNEROS E AS SEXUALIDADES EM DIVERSOS ESPAÇOS EDUCATIVOS / AXIS 03 - CULTURAL ARTIFACTS, MEDIA, AND EDUCATION: DISCUSSING BODIES, GENDERS, AND SEXUALITIES IN VARIOUS EDUCATIONAL SPACES (ONLINE)

Marcelo Benigno Amorim e Silva [1]

2

Nesse artigo cartográfico temos o paralelo com a prática do Professor Personagem Brincante Queer em sala de aula. O texto aponta possibilidades de diálogo e interseção entre a pesquisa do drama e a prática do professor personagem (queer) emaranhada na experiência com a cultura popular enquanto faz uma cartografia do brincante pesquisador para a sua pesquisa em andamento.

Palavras-chave: professor personagem, professor brincante, queer, drag queen, cartografia, formação de professores,

[1] Doutorando do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia- UFU, marbenignoamorim@gmail.com.

In this cartographic article we have the parallel with the practice of Teacher in role Queer in the classroom. The text points out possibilities for dialogue and intersection between drama research and the practice of the character teacher (queer) entangled in the experience with popular culture while making a cartography of the playing researcher for his ongoing research.

Keywords: teacher in role, joking teacher, queer, drag queen, cartography, teacher training.

Introdução ou Preparando a *montação* e abrindo a nécessaire

Pensando na escrita de um artigo ou ensaio que contemplasse parte da minha pesquisa brincante e acadêmica abri a minha nécessarie, preparei para esta *escrita montação* e me coloquei em rastreio:

> O rastreio é um gesto de varredura do campo. Pode-se dizer que a atenção que rastreia visa uma espécie de meta ou alvo móvel. Nesse sentido praticar a cartografia envolve uma habilidade para lidar com metas em variação contínua. (KASTRUP, 2009, p.40).

Fazer uma cartografia de um brincante popular, ao mesmo tempo em que faço um artigo para uma comunicação oral, e ainda, falar de experiência é correr muitos riscos, sobretudo, no formato “engessado” de uma escrita acadêmica mais tradicional e normativa.

> Começamos pensar a escrita como expressão de uma pesquisa acadêmica outra, muito mais ligada a experiência e à afetação do que ao modo único e predeterminado de encaixar o que nos passa na pesquisa em um formato já dado. Desse bom encontro- entre outros- foram sendo tecidas nossas teses, trabalhos acadêmicos, capítulos de livros e revistas etc. (CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. 2016, p.12).

Primeiro rastreio ou Metodologia Cartográfica

A Cartografia matriz em questão busca refletir como a experiência com a cultura popular pode gerar mapas para estimular processos de criação artística e práticas para arte e educação, para o professor de artes, para o educador, apontando possibilidades de diálogo e interseção entre a pesquisa e a prática do Professor Brincante e o Professor Personagem (Queer), seu conceito e atuação em sala de aula e outros espaços educacionais.

Entra em cena a *Dona Cartografia*, essa dama dançante que nos conduzirá nesse mapeamento brincador.

> A Cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo em produção.
> (KASTRUP, 2009, p.32).

Fazer a pele para colocar a sombra, o rímel e o batom

Comecei a fazer Drama oficialmente no ano de 1999 em Vitória da Conquista, no interior da Bahia.

> "O drama é um método de ensino – desenvolvido inicialmente em escolas inglesas[2] a partir das práticas de Dorothy Heathcote – em que a professora ou o professor, juntamente com os/as estudantes, assumem papéis sociais para explorar temas ou situações por meio de um contexto ficcional. Segundo Beatriz Cabral, Drama, tal como compreendido ainda hoje, está centrado no envolvimento do aluno ou do participante com o assunto ou conteúdo da experiência dramática; não está nos fatos, e sim em suas implicações. [...] A configuração de uma experiência, em drama, parte da associação da função do professor e dos alunos a papéis sociais e ficcionais distintos. A investigação cênica (em ação) inclui a exploração do contexto ficcional, através de um processo centrado em uma sequência de episódios, através de distintos enquadramentos e papéis do professor. (CABRAL, 2014, p. 105).

Em 1999 sendo então Professor de Teatro do Curso de Extensão da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB fui convidado pela Coordenadora Pedagógica do Instituto São Tarcísio, Nubia Nadja Santos Pereira, para ingressar na escola assumindo a cadeira de Artes. O

Instituto São Tarcísio era o colégio privado mais conhecido e disputado na região por vários motivos, entre os quais, a *Feira IST* que reunia durante uma semana, no Parque de Exposição da cidade, toda a escola dividida em stands e apresentações artísticas e culturais.

Um dos objetivos do convite era de "cutucar" aqueles jovens de poder aquisitivo alto e pouca ligação com a arte, cultura e realidade locais, dentro e fora dos muros da escola. Aceitei com uma condição: que a Núbia me desse autonomia para adotar a prática do Drama na educação, sobretudo, a de Professor Personagem, nas aulas de Arte, só que ela não esperava que eu chegasse na escola "*montado"!*

Professor *montado* pode?!

Madame Bovary foi umas das personagens que levei ao Instituto São Tarcísio que mais chamou atenção, por várias questões, entre as quais por ser um corpo plural na escola, transgredindo as segregações da heteronormatividade, como nos fala Fernando Augusto do Nascimento evocando Guacira Louro:

> Para Guacira Louro (2001, p. 552) "uma pedagogia e um currículo queer 'falam' a todos e não se dirigem apenas àqueles ou àquelas que se reconhecem nessa posição-desujeito, isto é, como sujeitos queer". Dessa maneira, a autora ressalta ainda que uma pedagogia queer "sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência" (LOURO, 2001, p. 552). A pedagogia queer oportuniza a presença dos corpos plurais na escola, transgredindo as segregações da heteronormatividade. (NASCIMENTO, 2019, p. 64).

Um professor homem cis *"montado*" ou vestido de mulher pode levantar várias questões. "*Montado"*, no dialeto gay e drag é se produzir de drag ou de uma personagem feminina ou masculina. Para a pesquisadora Guacira Lopes Louro (2016, p. 20) "em sua 'imitação' do feminino, uma drag queen pode ser revolucionária. Como uma personagem estranha e desordeira, uma personagem fora da ordem e da norma, ela provoca desconforto, curiosidade e fascínio". (NASCIMENTO, 2019, p. 171).

Esta proposta mexeu com toda a escola de uma forma mágica- que só a arte consegue - muitos alunos falavam pelos corredores: Do que será que o *"doido"* vem hoje?!

O adjetivo doido tem vários significados plausíveis para ilustrar tal imagem, mas preferir colocar aqui seus sinônimos: alheado, alienado, encantado, entusiasta, exaltado, extravagante, furioso, louco, temerário, tresloucado e varrido.

> É neste contexto ambíguo, de empoderamento e segregação, que a vigilância dos corpos e da sexualidade dos/as alunos/as e professores/as LGBT+ nos confirmam, durante a rotina escolar, que somos "anormais" frente à "normalidade" da escola e da heteronormatividade compulsória. Novamente o segredo, para aqueles e aquelas que assim se mantém "no armário", segundo a máxima popular, torna-se a (in)visibilidade que camufla e dita regras de exclusão dos corpos queer na educação básica. (NASCIMENTO, 2019, p.71).

O caso com Madame Bovary tem um dado peculiar: numa aula no IST, (no ano de 1999) um aluno de sétima série, saiu da aula e foi reclamar com a coordenadora Núbia, que não iria assistir à aula, pois "tinha um professor *viado* vestido de mulher na sala!".

No final do dia, a coordenadora me chamou, explicou o ocorrido e disse:

- Sábado tem reunião de pais e mestres aqui na escola. Traga Madame Bovary!

Entrei então, aliás, Madame Bovary entrou na reunião de pais e mestres, acompanhada pelo músico Diego Silveira, solfejando falsetes e com o discurso-arte no corpo e na voz. Fiz parte da cena-aula que tinha dado para os alunos. Logo depois questionei:

- O professor de matemática usa aos números e as fórmulas; o professor de português a gramática e as normas; o de história das datas e acontecimentos históricos; (...) e o que usa o professor de artes?!

O professor personagem queer fazia seus questionamentos enquanto se "desmontava", ou se descaracterizava frente a numerosa plateia de pais que o olhava atenciosamente e admirados.

"Um professor *viado* vestido de mulher" o que isso representa?

Fernando Augusto do Nascimento, na sua brilhante dissertação intitulada: *TEATRO E REPRESENTATIVIDADE QUEER: experiências com a metodologia do drama na escola* nos dá mais uma pista, evocando Guaraci Martins:

> Como ressalta a autora Guaraci Martins (2009; 2011), pesquisadora dos estudos de gênero na pedagogia do teatro, os processos teatrais em diálogo com estudos queer no contexto escolar oportunizam a desconstrução de estereótipos, mitos

> tabus preconceitos a respeito da pluralidade de gênero e orientação sexual, contribuindo neste processo de empoderamento dos corpos queer na escola.
> Ao estimular as pessoas em debates sobre diferentes temas e questões humanas, as atividades teatrais podem propiciar o exercício da construção/desconstrução de padrões de comportamento e valores sociais, muitas vezes, compreendidos como inquestionáveis. Assim, arrisco-me afirmar que a ação do fazer teatral é uma atitude de intervenção no cenário da ética, da política e da construção de novos saberes. Determinados padrões de comportamento e valores humanos levados para o espaço da cena proporcionam entre os sujeitos da educação – professor/a-alunos/as ealunos/as-alunos/as –, debates significativos sobre as ações dos sujeitos no contexto social. Diante de tal consideração é possível afirmar que as atividades teatrais podem fomentar alternativas no cenário social (MARTINS, 2011, p. 24-26)..(NASCIMENTO, 2019, p. 83).

Mas seria Madame Bovary uma Drag Queen? O pesquisador, professor e performer Aroldo Fernandes fala sobre os conceitos de Drag:

> Drag é uma expressão que surge com o poeta e dramaturgo inglês Shakespeare e significa (DR)ess (A)s (G)irl e era utilizado para indicar, em suas anotações dramatúrgicas, as cenas em que os atores estariam vestidos como personagens femininas. A pesquisadora norte americana Esther Newton (1979), em seu livro "Mother Camp: Female impersonators in America" diz que o termo drag pode ser usado como um adjetivo ou um substantivo. Como substantivo significa vestir-se com roupas de outro gênero. Contudo, esse significado pode ser expandido para além da categoria de gênero e pode referenciar qualquer vestimenta que desempenhe papéis sociais. (FERNANDES JÚNIOR, 2018, p. 108).

Mas afinal, o que é esse tal *"Queer"?* Porque o Professor Personagem é *"Queer"?* Qual o problema em ser *Queer*?! Pode um Professor Personagem se *montar* para dar aula e ser naturalmente ou afetadamente *Queer*? A professora e pesquisadora Guacira nos esclarece:

> Queer é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser "integrado" e muito menos "tolerado". Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o que como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do "entre lugares", do indecidível. **Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina**.(grifo meu). (LOURO, 2004, p. 7-8).

Sempre cartografando e se montando

E 2009 este cartógrafo brincante pesquisador foi aprovado em 1º lugar no concurso público para provimento da vaga de Professor substituto para disciplinas do curso de Licenciatura em

Teatro, da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, onde se formou, fato que possibilitou muitas alegrias por trabalhar como Professor Brincante e Professor Personagem Queer em aulas, além de acompanhar e orientar estágios pedagógicos e dirigir montagens didáticas na Escola de Teatro da UFBA.

Nesse período pude fazer várias aulas e intervenções como Professor Personagem na Escola de Teatro da UFBA e na Faculade Visconde de Cairú onde tambem lecionei/performei.

Ainda Rastreando: Resultados e Discuss- Ações

Outras cartografias e mapas desse Professor Brincante e Personagem Queer utilizando o Drama em sua práxis não foram explicitadas ou desenvolvidas nesse texto para não alongar esse relato/artigo cartográfico, parte delas foram registradas no livro: "*O Professor Brincante e o Teatro Popular- Saberes e Sabores na arte de ensinar",* lançando pela editora Dialética em 2023, fruto do Mestrado Profissional em Artes pela UFU, sob a orientação do Prof. Dr. Narciso Telles.

A pesquisa continua agora no doutorado em Teatro do PPGAC pela UFU, nesse ano de 2025 e pretende, entre outras ações, buscar, mapear e estimular Cartografias de novos(xs) professores e professoras brincantes personagens queer por ai fora. "Fechando" e transformando a sala de aula e o ato de ensinar numa experêincia alegre, potente e feliz.

CONSTATAÇÕES, FECHAÇÕES e SHANTAY YOU STAY[i]

O Professor Brincante Queer leva suas personagens de vários gêneros para questionar o patriarcado, a misoginia, o machismo internalizado na nossa sociedade e nas escolas! Ir além dos papéis binários de gênero, fazendo uma crítica aos papéis sociais que essas figuras, personas e pessoas ocupam seguidos da poesia, da música, da literatura de cordel, do teatro; das fantasias e tradições populares, das personas, das figuras, e lendas, da DRAG QUEEN para a sala de aula junto com a vontade de estudar e crer num mundo possível, sensível, inclusivo e acessível a todes!

Maquiagem pronta, agora sim, podemos começar! SHANTAY YOU STAY!

REFERÊNCIAS ou
ALGUNS COLIGADOS (as) (es) PARA A LABUTA

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução,Renato Aguiar. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: LOURO, Guacira Lopes. 3. Ed; 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. P.153-172.

CABRAL, Beatriz. Dorothy Heathcote – mediação e intervenção na construção da narrativa teatral em grupo (2009). In: FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso. **Cartografias do Ensino de Teatro.** Uberlândia: EDUFU, 2009. p.37-48.

CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. (Org.).**Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções.** 1ª edição - Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

FERNANDES JÚNIOR, A. S. **It's all about that bricks: utopia performativa nas vídeo performances de Saullo Berço**. In: ROVIDA, M.; LOPES, F. T. P.; GARCIA, E. (Orgs.). Gêneros, Diversidades, Tecnologias e Smart City. Sorocaba, SP: EDUNISO, 2018, p. 102 – 111

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pósestruturalista**. 9. ed. Petrópoles, Ed. Vozes, 1997.

_____, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria Queer**. Belo Horizonte. Editora: Autêntica. 2016.

NASCIMENTO, Fernando Augusto do. **Teatro e representatividade queer: experiências com a metodologia do drama na escola.** Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Artes, Programa de Pós- Graduação em Teatro, Florianópolis, 2019.

MENEGAZ, W. (2020). **Perspectivas do Drama no Brasil**. OuvirOUver, 16(2), 363-374. https://doi.org/10.14393/OUV-v16n2a2020-58040

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

ROVER, Ardinete. ***Normas da ABNT: orientações para a* produção científica** /Ardinete Rover, Regina Oneda Mello. – Joaçaba: Editora Unoesc, 2020.

[i] Shantay, you Stay – É uma expressão usada no Rupaul´s Drag Race, conhecido reality show estadunidense do gênero competição de drag queen. A expressão é uma referência de Paris is burning, a gíria é usada para dar a vitória a uma das competidoras que dublou para não ser eliminada. Esta, então, permanece na competição.